



A BOA MÁSCARA DE VAILLAND

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

O lendário olhar frio que Roger Vailland herdou de Laclos e que foi um dos seus sinais de casta mal se reconhece nas fotografias dos grandes magazines ao anunciarem a sua morte. Está lá, é certo, essa mirada rápida, de ave soberana — mas perdida num rosto desfigurado pela doença: faces moles, cabeça pelada, sobrancelhas reduzidas a sombras. O romancista que durante vinte anos se empenhara em descrever os males do século (como diria qualquer espírito racionalista de setecentos) veio a acabar minado pelo cancro, que é hoje, clinicamente, o mal do século, a grande lepra da idade industrial.

Acabou irreconhecível. A primeira vista, um animal burguês, adormecido. E esta máscara de morte seria a vingança da Natureza sobre o aprumo sagaz, o *beau masque* que o tornara inconfundível entre as famílias da espécie intelectual que povoam o universo contemporâneo.

(Propositadamente recorro a um vocabulário de zoologia, digamos, social: Vailland foi apaixonado das ciências naturais — e políticas —, leitor do racista Gobineau donde, contra Gobineau, extrairia a célebre teorização do «homem de qualidade», o homem que se declara mestre do destino pela graça da inteligência, pela graça da sua qualidade de homem. Nada de jo-

go de palavras, previne-se: no «homem de qualidade» estão em causa duas representações independentes, *homem* e *qualidade*, dois termos que bastariam a *Littre* para construir a definição. Vailland, não se esqueça, tinha no *Littre* um dos seus breviários...)

Mas voltemos à máscara do *Homem de Vailland*. Claude Roy costumava chamar-lhe um revolucionário senhorial (e lembramo-nos do protagonista de *Beau Masque*, que tinha um pouco das duas faces); ou um iluminista cartesiano (como o Marat de *Drôle de Jeu*); um conspirador de causas morais e um moralista da acção política (Lamballe, em *Bon Pied, Bon Oeil*). Um homem, ao fim e ao cabo, de inteligentes contradições.

Na verdade, quer no romancista, ele próprio, quer nos seus exemplares de ficção mais preciosos, a lucidez das contradições é uma constante cultivada — melhor: um *pedigree* que os especialistas da literatura localizaram em Laclos, Louvet e Stendhal e que reaparece, passados cem anos, e bem diferenciado, no «herói de crise» do pós-guerra. Que crise? A de uma França que perdeu os prestígios de capital e que procura impor produtos provincianos (*Sagan, Buffet, Johnny Hallyday e nouveau roman*). A crise de um mundo que se desinteressa do mundo, enojado com os maquiavelismos e as ingratidões da História.

Neste clima de indiferença cívica os campeões de Vailland sentem-se à margem. Geómetras das paixões, estrategos da aventura em grandes planos, uma vez acabada a luta da

Resistência, todos eles, mas todos, escolhem o exílio temporário para «meditarem a construção de um novo mundo». O repouso do guerreiro mata o guerreiro, é essa a sua ingenuidade. E entretanto implan-

(Continua na 5.ª pág.)

A BOA MÁSCARA DE VAILLAND

(Continuação da 1.ª pág.)

ta-se a paz podre, a sociedade e despolitiza-se, despreza as perspectivas universais para aceitar um ângulo local e imediato dos problemas. A esfera de interesses limita-se ao grupo de bairro ou à ilha da televisão; a cada um a sua parcela de felicidade, mesmo precária, mesmo ilusória que seja. Política daqui em diante passa a ser manobra do dia-a-dia, solução a reboque dos acontecimentos, que é, em termos de administração, o caminho tradicional dos providencialistas e dos caciques domésticos.

Então o herói de crise acusa as alterações do tempo. A máscara inicial, que fora sadia e animada de dúvidas salutares, perde o brilho, torna-se ácida, densa, perante a passividade e a inconsciência do espectáculo social. Encara (sobranceiramente, ia a dizer) o homem contemporâneo que se julga integrado numa idade de progresso e que, pobre dele, vive paredes meias com a contradição elementar e o anacronismo. Em plena euforia do milagre económico italiano mostra-lhe o pequeno estado feudal de Don Cesare (*La Loi*); em pleno desprestígio dos Estados Unidos revela-lhe uma França moral e economicamente alimentada do vírus da colonização americana (*La Truite*). Por fim, já ao nível da *intelligentzia*, elabora a descrição testamentária do libertino que se isolou, que se mede, se exercita e se autodestrói numa liberdade em palácio.

Quando há seis para sete anos, conheci Roger Vailland num *caveau* das vizinhanças da Place St. Michel, Georges Belmont citou a dada altura um ditado bretão. Dizia: «Até aos vinte anos o homem tem a cara que Deus lhe deu, daí

em diante aquela que merecer.» Relembro agora essas palavras e ajusto-as ao próprio Vailland, homem de lenda feita, onde a figura real conferia com a imagem literária. De facto, havia naquele corpo seco e quase franzino uma apatia e, de repente, uma vivacidade e uma imaginação de diabo lúcido; na cabeça e no aprumo de pássaro voraz uma soberania implacável; e se nos fixássemos no rosto de pergaminho, na impressionante caligrafia de rugas que encimava uma figura tão elástica e tão jovem ainda, lembraríamos o praticante de vários ópios que ele tinha sido, o cultivador dos paraísos artificiais de que falam os seus biógrafos, o surrealista de choque (quando o surrealismo era revolução-

nário), o combatente da Resistência, o moralista, enfim, numa crise e das necessárias incompatibilidades que a superam. A máscara, a «boa máscara do Homem de Vailland segundo o original», confirmava o aforismo de Georges Belmont.

Agora, diante das fotografias do *Match* e do *Tempo*, diante deste rosto desmentido pelo bafo da morte, a contradição é patente. Surge-me como uma vingança, uma traição imposta e — penso de súbito — com antecedentes na família dos heróis preferidos do romancista. Não se esqueça de que Lamballe acaba simbolicamente castrado e de que a bela marguesa de Merteuil, na admirável adaptação cinematográfica das *Liaisons*

Dangereuses, irrompe na cena final desfigurada por um acidente...

Nos grandes génios, como Hemingway, que amaram inteligentemente a vida, existe, creio eu, um exemplar pudor da morte. Decidem-na ou aguardam-na sem espectáculo nem mensagem que a explique. Vailland, pela sua parte, recebeu-a dolorosamente durante longas semanas sem se dignar falar dela. Como se a ignorasse. Só uma vez, que se saiba, e ainda assim de passagem e por divertimento, a registou em quatro versos que redigiu na companhia de Claude Roy:

*Ni ta ligne de vie
Ni ma ligne de mort
Ne furent asservies
Par nul confiteor...*

JOSÉ CARDOSO PIRES